

Huliane de Sousa Pinto

PINTURA EXPERIMENTO:

Preparações em suportes alternativos e sua aplicação didática

Belo Horizonte

2015

Huliane de Sousa Pinto

PINTURA EXPERIMENTO:

Preparações em suportes alternativos e sua aplicação didática

Monografia apresentada ao Curso de Artes Visuais da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Artes Visuais.

Orientadora: Profa. Patrícia de Paula Pereira

Belo Horizonte

2015

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Carlos e Maria Luísa, meus irmãos Hugo e Lusiane e a meu namorado Paulo Henrique que sempre me incentivaram e apoiaram a fazer esse curso superior.

Agradeço as orientações dos professores que acompanharam minha jornada: Mário Azevedo, Patrícia de Paula, Juliana Gouthier, Geraldo Loyola, Luana Aires e Sílvia Amélia.

Agradeço aos meus colegas: Adaiany Rodrigues, Amanda Nunes, Brenno Teotônio, Clarissa d'Errico, Dulci Fonseca, Germana Almeida, Júlio Senna, Thammy Marques, que sempre me escutaram, apoiaram e sugeriram ideias.

Agradeço a meus tios Rones e Cléria que me acolheram em sua casa durante esse processo de formação.

Estendo também esse agradecimento aos animais que passaram por minha vida e que me inspiraram em muitos trabalhos artísticos.

LISTA DE IMAGENS

| | |
|--|----|
| Imagem 1 – SOUSA, Huliane. <i>Rosa Amarela</i> , 2012..... | 10 |
| Imagem 2 – SOUSA, Huliane. <i>Marie</i> , 2012..... | 10 |
| Imagem 3 – SOUSA, Huliane. <i>Retalhos</i> , 2012..... | 13 |
| Imagem 4 – SOUSA, Huliane. <i>Sem título</i> , 2012..... | 13 |
| Imagem 5 – Produção coletiva da disciplina Pintura B, UFMG. Suporte de madeira preparada com jornal, 2012..... | 13 |
| Imagem 6 – Produção coletiva da disciplina Pintura B, UFMG. Suporte de madeira preparada com areia, 2012..... | 14 |
| Imagem 7 – SOUSA, Huliane. <i>Digerindo árvore</i> , 2013..... | 14 |
| Imagem 8 – SOUSA, Huliane. <i>Ao máximo</i> , 2014..... | 14 |
| Imagem 9 – SOUSA, Huliane. <i>Sob a Lua</i> , 2014..... | 15 |
| Imagem 10 – SOUSA, Huliane. <i>Duelando</i> , 2014..... | 15 |
| Imagem 11 – SOUSA, Huliane. <i>Material Didático: Caixa Mingal de Areia</i> , 2014..... | 20 |
| Imagem 12 – AZEVEDO, Mário. <i>Sem título</i> , 2005..... | 22 |
| Imagem 13 – DUBUFFET, Jean. <i>Mulher moagem de café</i> , 1945..... | 23 |
| Imagem 14 – TÀPIES, Antoni. <i>Cinza Ocre</i> , 1958..... | 23 |
| Imagem 15 – KIEFER, Anselm. <i>Lilith</i> , 1997..... | 23 |
| Imagem 16 – NASSAR, Emmanuel. <i>Recepcôr</i> , 1982..... | 23 |
| Imagem 17 – RAMOS, Nuno. <i>Sem título</i> , 1999..... | 25 |
| Imagem 18 – Construção de livro-objeto. E. E. Pedro II. Livro e casca de ovo, 2014..... | 28 |

| | |
|--|----|
| Imagem 19 – Construção de livro-objeto. E. E. Pedro II. Livro, cimento e lã, 2014..... | 28 |
| Imagem 20 – Construção de livro-objeto. E. E. Pedro II. Livro, cimento e casca de ovo, 2014..... | 28 |
| Imagem 21 – Construção de livro-objeto. E. E. Pedro II. Livro e tecidos, 2014..... | 28 |
| Imagem 22 – ALMEIDA, Germana. <i>Material Didático: Caixa Concreta</i> , 2014..... | 30 |
| Imagem 23 – ALMEIDA, Germana. Atadura gessada, tecidos, areia, cimento, casca de ovo, pó de mármore sobre papelão, 2014..... | 30 |
| Imagem 24 – MENDES, Clara. <i>Material Didático: Paraperceptor espacial</i> , 2014..... | 30 |
| Imagem 25 – MENDES, Clara. Areia, tecidos, pedras e papelão, 2014..... | 30 |
| Imagem 26 – Aula prática colagem de tecido sobre papelão. Centro Pedagógico, 2015..... | 33 |
| Imagem 27 – Aula prática pintura em colagem de tecido sobre papelão, Centro Pedagógico, 2015..... | 33 |
| Imagem 28 – Trabalho de um aluno, aula prática colagem de atadura gessada sobre bandeja de isopor, Centro Pedagógico, 2015..... | 34 |
| Imagem 29 – Aula pratica molde da mão com atadura gessada. Centro Pedagógico, 2015..... | 34 |
| Imagem 30 – Trabalho dos alunos, aula prática pintura sobre atadura gessada em bandejinha de isopor. Centro Pedagógico, 2015..... | 35 |
| Imagem 31 – Trabalho de uma aluna. Aula prática, pintura sobre atadura gessada em bandejinha de isopor. Centro Pedagógico, 2015..... | 35 |

| | |
|--|----|
| Imagem 32 – Trabalho de alguns alunos. Aula prática, areia sobre papelão. Centro Pedagógico, 2015..... | 36 |
| Imagem 33 – Trabalho de um aluno. Aula prática areia sobre papelão. Centro Pedagógico, 2015..... | 36 |
| Imagem 34 – Construção do círculo cromático. Centro Pedagógico, 2015..... | 37 |
| Imagem 35 – Aula prática, pintura sobre suporte de papelão preparado com areia. Centro Pedagógico, 2015..... | 37 |
| Imagem 36 – Aula prática, papel machê sobre papelão. Centro Pedagógico. 2015..... | 38 |
| Imagem 37 – Pintura sobre papelão preparado com papel machê. Centro Pedagógico, 2015..... | 38 |
| Imagem 38 – Trabalho dos alunos. Pintura sobre papelão preparado com papel machê. Centro Pedagógico. 2015..... | 38 |
| Imagem 39 – SOUSA, Huliane. Livro de Texturas. 2015..... | 40 |
| Imagem 40 – SOUSA, Huliane. Livro de Areia. 2015..... | 40 |

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO: | 8 |
| CAPÍTULO 1: MEMORIAL | 10 |
| 1.1 Primeiras experiências com pintura e trabalhos manuais..... | 10 |
| 1.2 Experiências na Escola de Belas Artes da UFMG..... | 11 |
| 1.3 As temáticas dos trabalhos..... | 15 |
| CAPÍTULO 2: MATERIAL DIDÁTICO “CAIXA MINGAL DE AREIA” | 17 |
| 2.1 Elaboração..... | 17 |
| 2.2 Conteúdo físico da caixa..... | 18 |
| 2.3 Aula sugestiva para o professor..... | 24 |
| 2.4 Reflexão sobre a potencialidade do material didático..... | 24 |
| CAPÍTULO 3: EXPERIÊNCIAS COM O MATERIAL DIDÁTICO | 26 |
| 3.1 Estágio e PIBID..... | 26 |
| 3.2 Escola Pedro II: o material didático colaborando na construção de livro objeto..... | 27 |
| 3.3 FAE-UFMG: oficina com o material didático..... | 29 |
| 3.4 Centro Pedagógico – UFMG: pintura- experimento..... | 31 |
| 3.4.1 Tecido sobre Papelão..... | 32 |
| 3.4.2 Atadura Gessada sobre Bandeja de Isopor..... | 34 |
| 3.4.3 Areia sobre Papelão..... | 36 |
| 3.4.4 Jornal sobre Papelão..... | 37 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 39 |
| REFERÊNCIAS..... | 42 |

INTRODUÇÃO

Neste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresento minha pesquisa relacionada a preparação de suporte e a busca por suporte alternativo, para a prática da pintura no contexto escolar, tendo esta prática um diálogo com meu trabalho desenvolvido na área da pintura. Relaciono minha produção artística com minha prática docente, através de Material Didático intitulado “Caixa Mingal de Areia”. Esta por sua vez, possibilita a construção de uma aula diferenciada, com suporte alternativo para ensino/aprendizagem da pintura, ampliando assim os conhecimentos dos alunos e buscando um maior interesse nas aulas de arte.

A metodologia utilizada para a realização deste trabalho se baseia em algumas ações, como: experimentação dos materiais para suporte de pintura, pesquisa de referências artísticas e bibliográficas, experimentação do material didático em práticas docentes e na produção artística.

A prática da pintura em tela é poucas vezes trabalhada na escola por causa de seu custo alto. Pensando nisso, esse trabalho propõe afirmar que a pintura pode e deve ser trabalhada na escola, mesmo sem o uso de telas. Materiais simples como papelão e bandejinha de isopor, preparados com areia, por exemplo, podem promover a criatividade, a imaginação e a expressividade dos alunos.

Este TCC possui três capítulos. No primeiro capítulo apresento um memorial sobre minha introdução no campo da pintura, minha experiência com artesanato, meu processo na escola de Belas Artes e a escolha pelo tema dos animais. No segundo capítulo abordo a construção do meu material didático e reflito sobre seus limites e suas potencialidades. No terceiro capítulo cito as experiências com esse material didático que foi experimentado na Escola Pedro II, sendo explorando em aula na construção de livro-objeto. Também foi vivenciado por meio de oficina durante a exposição de materiais didáticos na Faculdade de Educação da UFMG, além de projeto do Centro Pedagógico da UFMG, com uma quantidade maior de aulas.

Pretendo com essa pesquisa mostrar as possibilidades de levar para a sala de aula a preparação de suporte para a prática da pintura, através de materiais alternativos, estimulando a percepção do docente e dos alunos para outros desdobramentos e possibilidades da prática artística, envolvendo elementos da própria prática artística no ensino/aprendizagem na arte, valorizando especialmente o processo.

CAPÍTULO 1: MEMORIAL

1.1 Primeiras experiências com pintura e trabalhos manuais

Antes de começar a estudar na UFMG, meu trabalho era pintar tapetes artesanais produzidos no tear, uma experiência que surgiu no âmbito familiar. Nesse sentido, o procedimento da pintura se dava por meio da transferência do desenho para o tecido, utilizando papel carbono para posteriormente ser pintado. Pensava que ainda não tinha habilidade suficiente para criar um desenho esteticamente bem resolvido a não ser pela cópia. Meus desenhos eram muitos simples e ainda não possuía muita prática com a pintura para me aventurar. Possuía, nessa época, a ideia de que o desenho do outro era sempre melhor e mais bonito do que o meu e, por isso, sempre recorria a desenhos já elaborados por outras pessoas.

Depois de um tempo, aprendi uma nova técnica utilizando moldes de papel em formato de flores, animais e personagens diversos, o que também facilitava a construção do desenho na criação desses tapetes. Posteriormente, aprendi a ampliar desenhos e até diminuí-los de proporção. Isso só se deu após muita prática e observação. Além disso, comecei também a produzir meus próprios moldes de desenhos, pois quando tinha que fazer várias pinturas de um mesmo modelo, acabava sempre utilizando os moldes (IMAGEM 1 e 2).



Imagem 1 – Huliane Sousa. *Rosa Amarela*. [Pintura com tinta de tecido sobre tapete artesanal, 90x130cm]. Cláudio-MG, 2012. Acervo pessoal.



Imagem 2 – Huliane Sousa. *Marie*. [Pintura com tinta de tecido sobre tapete artesanal, 45x65cm]. Cláudio-MG, 2012. Acervo pessoal.

Com o tempo, comecei a produzir minhas pinturas, já sem utilizar moldes e sem o uso de cópias por meio do carbono. Os desenhos passaram a ser por meio da observação e registro direto no próprio tapete. Gostava de riscar o desenho inicial com a própria tinta de tecido, demarcando as formas com as cores que seriam aplicadas posteriormente.

Até conseguir chegar a essa liberdade com a pintura, foi preciso muita prática e dedicação para perder o medo que tinha de errar, de lidar com a tinta, de a pintura não ficar boa. Enfim, com o tempo, a prática me proporcionou mais segurança e até mesmo a memorização de algumas formas, como por exemplo, de flores, que sem o uso de moldes posso modificá-las, tornando cada vez mais diferente um trabalho de outro, buscando explorar outras cores e composições.

Naquela época, minha intenção no artesanato, era buscar o máximo de perfeição em meus trabalhos. Ao mesmo tempo, trazia como bagagem das poucas aulas de arte que tive na escola, a mesma ideia: de que o trabalho ideal era aquele que se parecia mais com o real ou com as formas simples e estereotipadas que aprendemos desde criança.

1.2 Experiências na Escola de Belas Artes da UFMG

Identifiquei-me com o Curso de Artes Visuais no Ensino Médio, através da visita que fiz à Mostra das Profissões da UFMG, em 2010. Achei que o Curso possuía alguma relação com o que fazia manualmente, como, por exemplo, a pintura em tapeçaria. Naquele tempo esperava que, no curso, fosse aprender a fazer imagens realistas, bem como os professores de pintura iriam ensinar a pintar como se houvesse uma fórmula única de se representar uma imagem. Hoje percebo essa ideia equivocada, pois os professores que tive não me ensinaram a pintar: mas me abriram a possibilidade de experimentar e aprender através das práticas e da experiência. Segundo Fayga Ostrower,

[...] arte não se ensina. Isto é tão impossível quanto ensinar alguém a viver. O máximo a que um professor pode propor-se, ao transmitir conhecimentos técnicos ou teóricos, é a educação da sensibilidade dos alunos,

oferecendo-lhes a possibilidade de descobrirem seu próprio potencial. (Ostrower, 1995, p.223)

No entanto, penso que dizer que arte não se ensina é um pouco complexo, pois se não ensinasse, não existiria a profissão de professor de arte. Porém, entendo que Fayga enfatiza que professores de arte ensinam conteúdos, técnicas e procedimentos de construção de trabalhos. Mas isso não basta no processo de ensinar e aprender arte: é preciso potencializar experiências significativas. Para se ter experiências significativas, é preciso um mediador para trabalhar a sensibilidade, não no sentido romanceado, mas na ampliação da percepção do aluno, fazendo-o perceber que cada ser é único e o processo artístico também.

Ao compartilhar conhecimentos técnicos podemos trabalhar a sensibilidade do aluno, porém a informação pela informação não vale a pena sem a experiência. Segundo Jorge Bondía (2002, p.21), A “experiência é o que nos passa, o que nos acontece, ou o que toca”. Neste contexto, entendemos que “a informação não é experiência. A informação não deixa lugar para a experiência” (Bondía, 2002, p.21). Assim entendo que é na experiência da prática e construção de uma produção artística que a percepção pode ser trabalhada e ampliada.

Ao ingressar na Escola de Belas Artes da UFMG, em 2011, passei a conhecer e a experimentar outros tipos de materiais, como, por exemplo, o papel Paraná, compensados em madeira e diversos tipos de tintas, como têmpera, óleo, acrílica, aquarela, guache e encáustica.

Em relação ao suporte, percebi que não me agradava pintar sobre a tela preparada comercialmente. Isso se deu porque já estava acostumada a lidar com superfícies mais grossas ou mais trabalhadas, pois no artesanato, nenhuma peça é igual à outra, algumas são feitas de cordões grossos ou finos, outros de retalhos, tanto de algodão ou malha, além de muitas vezes realizar pintura em outros tecidos que não fosse tapete, como pano de prato, toalhinha, etc. Interessava-me perceber a textura e a resistência de cada material, à aderência da tinta nos mesmos e o que cada tecido aceitava de detalhe.

Com o tempo, a partir de algumas disciplinas práticas cursada na EBA, percebi que sempre levava tecidos para fazer colagens em cima dos suportes, fosse papel e/ou tela (IMAGEM 3 e 4). Além disso, comecei a estudar a preparação de suportes, situação que me abriu a possibilidade de experimentações que estava buscando. Também experimentei materiais, como jornal, areia, cimento, juta e rejunte, dentre outros, que me davam uma base de texturas diferentes para os trabalhos (IMAGEM 5 e 6).



Imagem 3 – Huliâne Sousa. *Retalhos*. [Pintura com tinta a óleo sobre papel cartão preparado com pedaços de panos, 42x59cm]. Belo Horizonte MG, 2012. Acervo pessoal.



Imagem 4 – Huliane Sousa. *Sem título*. [Encáustica quente sobre painel de MDF revestido com americano cru e colagens de retalho, 55x60cm]. Belo Horizonte MG, 2012. Acervo pessoal.



Imagem 5 a – Produção coletiva da disciplina Pintura B. [Suporte de madeira preparada com jornal. 15x20cm]. Belo Horizonte MG, 2012. Acervo pessoal.



Imagem 5 b - Produção coletiva da disciplina Pintura B. [Suporte de madeira preparada com jornal. Suvinil Branco e Suvinil Preto. 15x20cm]. Belo Horizonte MG, 2012. Acervo pessoal.



Imagem 5 c - Produção coletiva da disciplina Pintura B. [Suporte de madeira preparada com jornal. Suvinil Branco e Suvinil Preto. Pintura com acrílica azul densa e aguada, têmpera vermelha densa e aguada. 15x20cm]. Belo Horizonte MG, 2012. Acervo pessoal.



Imagem 6 a – Produção coletiva da disciplina Pintura B. [Suporte de madeira preparada com areia. 15x20cm]. Belo Horizonte MG, 2012. Acervo pessoal.



Imagem 6 b - Produção coletiva da disciplina Pintura B. [Suporte de madeira preparada com areia, Suvinil Branco e Suvinil Preto. 15x20cm] Belo Horizonte MG, 2012. Acervo pessoal.



Imagem 6 c - Produção coletiva da disciplina Pintura B. [Suporte de madeira preparada com areia. Suvinil Branco e Suvinil Preto. Pintura com acrílica azul densa e aguada, têmpera vermelha densa e aguada. 15x20cm] Belo Horizonte MG 2012. Acervo pessoal.

No Ateliê I de Pintura, dei continuidade às experiências de preparação de suportes, pois já dominava alguns procedimentos técnicos. Então, comecei a criar sozinha e a experimentar várias combinações de elementos. Inicialmente o suporte mais utilizado para as pinturas era a madeira¹ (IMAGEM 7). Com tempo, passei a experimentar a pintura sobre tela (IMAGEM 8, 9 e 10).

¹Os trabalhos produzidos durante a disciplina Ateliê I de Pintura foram expostos na Faculdade de Educação - FAE /UFMG - no período de 14 a 30 de março de 2014.

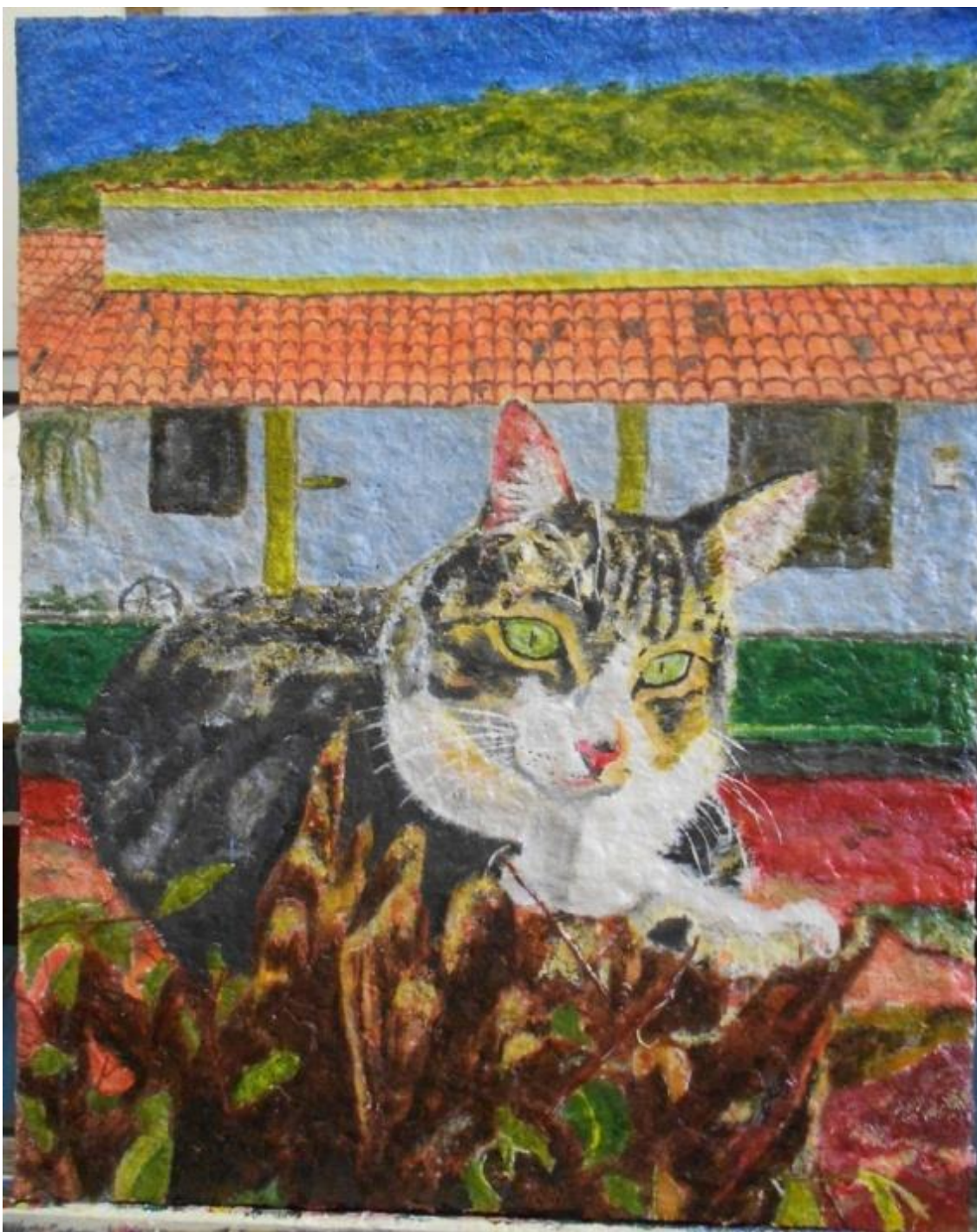


Imagem 7 – Huliâne Sousa. *Digerindo árvore*. [Pintura com tinta acrílica sobre MDF preparado com jornal, 40x50cm] Belo Horizonte MG, 2013. Acervo pessoal.

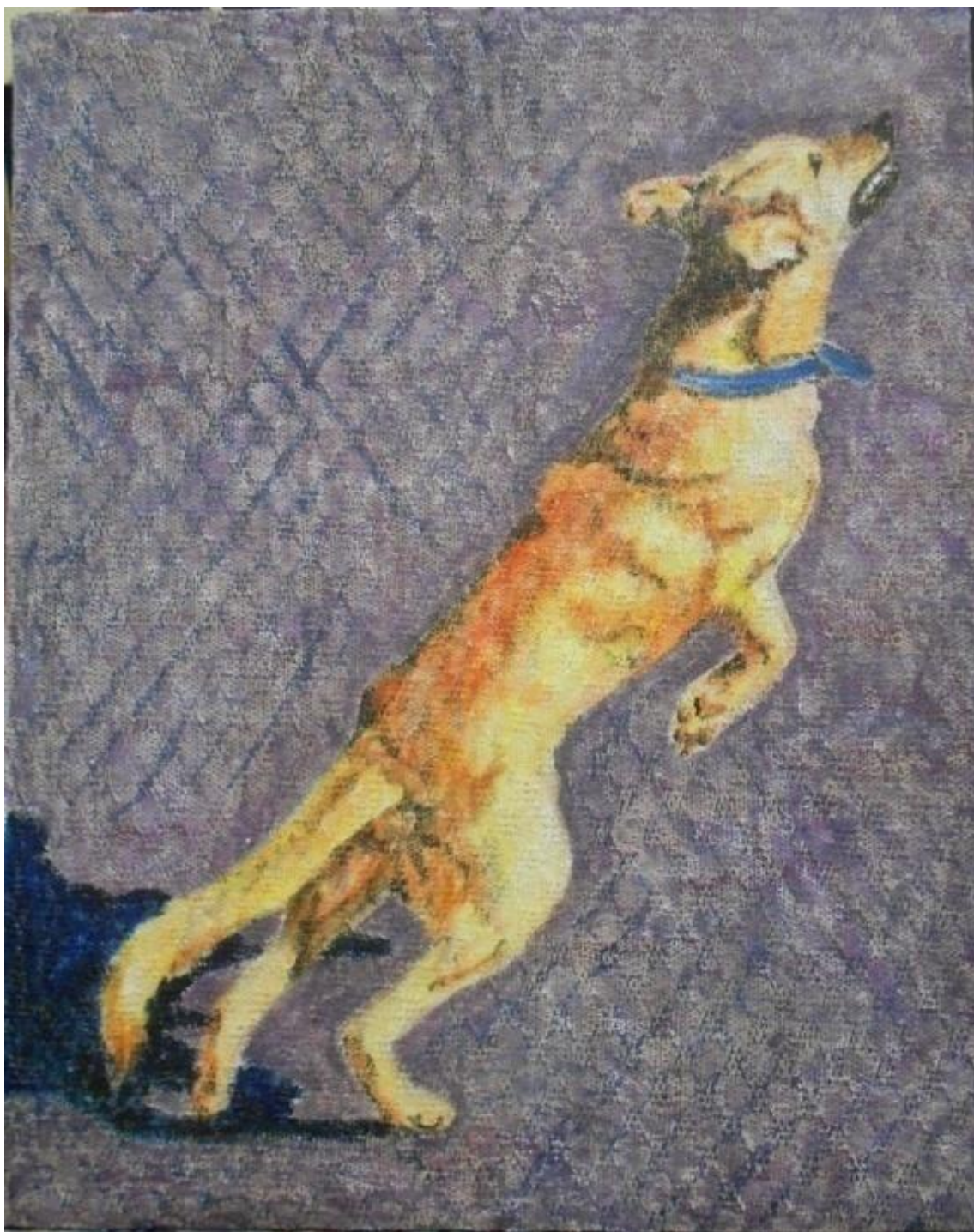


Imagem 8 – Huliane Sousa. *Ao máximo*. [Pintura com tinta acrílica sobre tela preparada com tecido produzido em tear, 40x50cm] Belo Horizonte MG, 2014. Acervo pessoal.



Imagem 9 – Huliane Sousa. *Sob a Lua*. [Pintura com tinta acrílica sobre tela preparada com gesso acrílico e areia, 30x40cm]. Belo Horizonte MG, 2014. Acervo pessoal.



Imagem 10 – Huliane Sousa. *Duelando*. [Pintura com tinta acrílica sobre tela preparada com cimento, rejunte, areia e casca de ovo, 40x50cm] Belo Horizonte MG, 2014. Acervo pessoal.

1.3 As temáticas dos trabalhos

Antes de começar a estudar na UFMG o tema de meus trabalhos em artesanato eram flores, personagens infantis ou símbolos de algum time de futebol. A escolha era baseada no que eu achava mais comercial, ou seja, por temas de maior demanda.

Quando entrei para o curso de Artes Visuais, em 2011, busquei como referência imagens que estavam em meu cotidiano: fazia autorretratos e imagens de pessoas que conhecia além, de pintar várias vezes a imagem do meu quarto, e o processo de construção de uma casa, baseado em fotos que tirei desde o alicerce até a disposição dos telhados.

No segundo semestre de 2012 os meus gatos de estimação Miky e Mingal se tornaram temas centrais dos meus trabalhos. Comecei por pintar a imagem dos dois por meio de várias referências fotográficas; depois diversifiquei o meu repertório de animais, agregando imagens de cachorros, gata, perus e um cavalo, todos bichos de meu convívio caseiro.

O interesse por pintar animais, primeiramente gatos, começou pelo fato de buscar um tema comum que eu pudesse trabalhar com uma diversidade de preparações. Estava buscando como seria fazer o pelo do gato em uma tela preparada com cimento, ou como seria em outra preparada com areia e perceber como a imagem de um mesmo animal se comporta sobre essa diferença de superfície.

Depois de várias experimentações com as imagens dos dois gatos citados anteriormente passei a pintar a imagem da gata Noturna (preta) que ganhei um ano depois deles. Assim, o desafio seria mostrar as nuances da forma do corpo dela, sendo esta totalmente preta. Mas com a prática de observação da imagem para produzir a pintura percebi através da luz refletida no animal, que não era totalmente preta, notei os cinzas, os azuis e os vermelhos que possuía em seu pelo (IMAGEM 10). Aprendi a trabalhar outras sutilezas.

A partir de então, continuei por buscar imagens de animais diferentes, porque queria expressar através da pintura as formas, a beleza e os detalhes de cada

animal, materializando assim a emoção e o afeto que sentia por eles através daqueles materiais.

CAPÍTULO 2: MATERIAL DIDÁTICO “CAIXA MINGAL DE AREIA”

2.1 Elaboração

O Material Didático, produzido para o Curso de Licenciatura em Artes Visuais EBA/UFG, surgiu a partir de trabalhos desenvolvidos na área da pintura. A necessidade de se produzir um material voltado para o meu trabalho como artista veio a partir de vontade pessoal por uma busca/pesquisa de novas possibilidades de processos na pintura, como, por exemplo, a preparação de suportes. Algumas preparações eu já havia experimentado e outras eu pretendia conhecer através do Material Didático proposto. Também por meio da pintura surgiu a necessidade de uma pesquisa a respeito dos suportes utilizados para agregar as preparações, alguns suportes eu já havia utilizado como, madeira e tela, e outros não, como, papelão e Eucatex, por exemplo.

Na preparação do Material Didático, realizei pesquisa de materiais que poderiam ser mais acessíveis tanto aos professores como aos alunos. Pensei em materiais como capa dura de caderno; bandejinha de isopor e papelão; eucatex e madeiras; e mesmo a possibilidade de adquirir tela própria para pintura ou compensado, caso, o professor e/ou o aluno queira comprar ou reaproveitar material.

As preparações que utilizei foram materiais que estão em meu cotidiano, como areia, cimento e rejunte, pois, tenho fácil acesso a esses materiais; assim como tecidos. Até mesmo casca de ovo, jornal, pó de mármore e atadura gessada são utilizados no meu processo de experimentação.

Assim, meu objetivo com a construção do Material Didático *Caixa Mingal de Areia* é aguçar a criatividade, mostrar possibilidades de trabalhar com materiais não convencionais para a pintura, propondo às pessoas a passarem por experiências de construção de um suporte com materiais diversos. A ideia é fazer com que elas construam autonomia e posteriormente se apropriem de outros materiais que não estão incluídos no material didático.

O aprendizado será construído através das experiências e situações experimentadas pelo aprendiz. Entende-se por aprendizado “o exercício inicial sobre aquilo que se conseguiu aprender; experiência ou prática²”, com isso, pode-se pensar que o professor para ensinar algo precisa primeiro aprender, experimentar, e dessa forma o aluno também; para aprender como fazer um suporte, precisará experimentar. Essa ideia dialoga com Paulo Freire (2001, p. 25 e 26) ao explicar que “ensinar inexiste sem aprender e vice-versa” para ele “inexiste validade no ensino de que não resulta um aprendizado”, com isso podemos entender que ambos, alunos e professores, precisam passar por esse momento de experimentação para que este resulte em um aprendizado.

O material pode ser destinado à educação não formal, assim como nos Ensinos Fundamental e Médio. Também pode ser um material didático que sirva como um instrumento de mediação dos espaços expositivos em que eu possa apresentar o meu trabalho como artista no campo da pintura, por fazer referência a procedimentos técnicos que utilizo na elaboração dos meus trabalhos. Outra necessidade, além das já apresentadas, é a investigação em busca de uma bagagem teórica, por meio de artistas que possuem um possível diálogo com os materiais que utilizo, ou mesmo a ideia de introduzir materiais não convencionais na pintura em suas obras.

2.2 Conteúdo físico da caixa

A caixa foi pensada primeiramente como um recipiente para guardar as preparações; mas, com o tempo, aperfeiçoei a ideia através de sugestões de outras pessoas. O suporte se tornou, além disso, um mostruário para exibição dos trabalhos (IMAGEM 11). Sua superfície foi preparada com areia e pintada com três tipos diferentes de tintas, como acrílica, têmpera ovo e guache, sugerindo assim no mínimo essas possibilidades de técnicas que podem ser utilizadas sobre as futuras preparações feitas pelos alunos; porém outras podem e devem ser pesquisadas e usadas. A imagem do gato Mingal foi uma referência ao meu trabalho produzido na pintura, como já foi mencionado.

² Extraído do dicionário Houaiss <http://www.dicio.com.br/aprendizado/>. Acesso em 29/10/14.

O nome do material didático consiste na caixa, em seguida o nome do animal representado “MingaL” e o nome do material usado na preparação “Areia”, com isso: “Caixa MingaL de Areia”. Esse título veio a partir de uma exposição que fiz na FAE/UFMG, no primeiro semestre de 2014, chamada “MingaL de Areia”, em que expus quadros com imagens dos gatos MingaL e Miky, sobre diferentes preparações. O “L” maiúsculo no final do nome “MingaL” faz referência a primeira letra do nome da minha irmã, dona do gato.

Busquei um título para o material didático que estabelecesse uma relação com as preparações que faço e que ao mesmo tempo dialogasse com minha vida pessoal e o meu trabalho em pintura. Não tive a intenção de colocar um nome que fosse explicativo, apenas procurei relacionar com as questões que estão em meu cotidiano, e que servem de referência para continuar minha pesquisa em arte, pois não consigo desconectar a experiência artística das experiências que trago da minha vida. Para Dewey (2010, p.122) a “experiência é resultado da interação entre uma criatura viva e algum aspecto do mundo em que ela vive”. Para mim os aspectos do mundo que vivo, e que trago para a prática artística, são os que se relacionam ao afeto pelos animais.

A partir do pensamento de Dewey, entende-se que a Arte faz parte das relações que o homem estabelece com seu entorno, articulando assim a vida e a cultura. Com isso, consigo compreender que toda a elaboração e construção do material didático buscou estabelecer relações com as profissões de meus pais, com meu trabalho em artesanato, pela relação afetiva que tenho com os animais domésticos e principalmente com os conhecimentos construídos no Curso de Artes Visuais que me proporcionou a elaboração deste trabalho, além dessas reflexões.





Imagem 11 a, b e c- Huliâne Sousa. *Material Didático: Caixa MingaL de Areia*. [Pintura com têmpera, acrílica e guache sobre caixa de MDF preparada com areia. 50x40x8cm]. Belo Horizonte, 2014. Acervo pessoal.

Os trabalhos de preparação dos suportes, todos em pequeno formato, foram dispostos em uma caixa de madeira, de 40x50x8cm, com seis telinhas na parte inferior da tampa e quatro na parte de dentro da caixa. A ideia foi produzir dez trabalhos em pequeno formato, com suportes diferentes (papelão, eucatex, capa dura de caderno, tela e bandejinha de isopor), bem como utilizar materiais diversos como: areia, cimento, tecido, casca de ovo, atadura gessada, pó de mármore e jornal, todos utilizados anteriormente nas minhas experiências

como artista no campo da pintura. Para que os suportes sejam manuseados, foram colocados imãs tanto na caixa como no suporte, facilitando a retirada e a fixação dos mesmos.

Há, dentro da caixa, um papel paraná colado a um *color set* preto em um dos lados, e preparado com tecido artesanal no outro lado, que serve para evitar atrito entre as preparações contidas na parte superior e inferior, onde está o nome do material didático (Caixa MingaL de Areia), feito de tecidos, assim como as pequenas imagens de gato. Atrás deste papel, sobre o papel *color set*, há um texto contendo o objetivo e um exemplo de aula para o professor.



Imagem 11 d– Huliâne Sousa. *Material Didático: Caixa MingaL de Areia*. [Pintura com têmpera, acrílica e guache sobre caixa de MDF preparada com areia. 50x40x8cm]. Belo Horizonte, 2014. Acervo pessoal. Detalhe.

Estão dispostos oito recipientes, também fixados com imãs em sua superfície (IMAGEM 11 d), contendo areia, cimento e os demais materiais que foram usados. Dentro da caixa há pequenas fichas dispostas debaixo das preparações com o conteúdo dos materiais usados. Possui dentro de um envelope dez imagens de trabalhos meus, com dados no verso de cada trabalho, especificando os materiais usados, dentre outras informações. Possui

também, dentro de outro envelope, imagens de obras de artistas que utilizam materiais diferentes para produzir suas obras como:

Mário Azevedo (IMAGEM 12), que utiliza de suportes especiais, como cerâmica, cimento, juta e objetos. Esse artista é professor da EBA/UFMG e em sua aula (Pintura B) ensinou várias técnicas de preparações de suportes. Portanto essa referência é de grande importância para o meu processo artístico e para a construção do material didático, pois foi a partir de materiais usados por ele, que eu comecei a fazer experimentos buscando outros materiais.

Jean Dubuffet (IMAGEM 13) é outro artista que utiliza de materiais pouco ortodoxos, como, cimento, gesso, alcatrão e asfalto raspado.

Antoni Tàpies (IMAGEM 14) utiliza pó de mármore, resina, barro e outros materiais, combinadas para criar superfícies rugosas e densamente trabalhadas.

Anselm Kiefer (IMAGEM 15) também utiliza de uma variedade de materiais como tinta a óleo, sujeira, chumbo, fotografia, xilogravura, areia, palha e vários tipos de material orgânico.

Emmanuel Nassar (IMAGEM 16)

[...] realiza pinturas em que representa pequenos mecanismos, contendo eixos manivelas e placas de cor, incorporando também objetos comuns. Em alguns quadros evoca a cultura popular local, como nas cores vibrantes e formas geométricas das casas e de barracas de feira ³.

Todos esses artistas são importantes no meu material didático, pois, ampliam a variedade de materiais para além dos que eu utilizo.

³ Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa9547/emmanuel-nassar>. Acesso em: 08/10/2014.



Imagem 12 - Mário Azevedo, *Sem título*, (da série dos “Papeis Pintados”), [pasta de papel e pigmento mineral, 140x140cm], 2005. Coleção do artista.



Imagem 13 – Jean Dubuffet, *Mulher moagem de café*. [Pintura a óleo, gesso, alcatrão e areia sobre tela, 116,2x88,9cm] 1945.



Imagem 14 – Antoni Tàpies, *Cinza Ocre*, [Pintura a óleo, resina epóxi e pó de mármore sobre tela, 260x194cm] 1958.



Imagem 15 – Anselm Kiefer *Lilith*, [Emulsão, goma-laca, acrílico, chumbo, cabelo e cinzas sobre tela, 330x560cm] 1997.



Imagem 16 – Emmanuel Nassar, *Recepção*, [Objeto em madeira, 32x42cm] 1982.

2.3 Aula sugestiva para o Professor

Entendo que cabe ao professor a função de mediador da aprendizagem, não apenas como uma pessoa que transmite conhecimento, pois nesta atividade os

resultados são imprevisíveis e os alunos aprendem através de suas experiências. Nisto percebi um diálogo com Paulo Freire (2001, p.24), pois o professor não irá “transferir conhecimento”, mas também criar “possibilidades para a sua produção ou a sua construção”.

Sobre o material didático, a proposta inicialmente seria mostrá-lo para os alunos, destacando as técnicas e materiais utilizados em cada suporte. Foram selecionados alguns artistas que utilizam de materiais diversos para sua produção artística, como citado anteriormente, mas são alguns exemplos. Outros podem ser pesquisados tanto pelo professor quanto pelos alunos.

Essa sugestão de atividade pode ser estimulada ainda para trabalho em grupo, reforçando a ideia de que cada grupo desenvolva um suporte comum. Essa proposta permite que os alunos resolvam desafios juntos, buscando possíveis soluções, com materiais diversos.

2.4 Reflexão sobre a potencialidade do material didático

O material didático não possui como objetivo a criação de uma obra de arte; sua potencialidade está relacionada à experimentação, a criatividade, a ampliação de conhecimentos e possibilidades de apropriação de materiais. Assim como diz Dewey (2010, p.19): “Experiência é a arte em estado germinal”, podemos entender que antes de fazermos arte, precisamos passar por experiências que nos levem à sua realização, uma vez que o resultado final é consequência de um processo.

As produções artísticas nas Artes Visuais se diversificaram ao longo do tempo em relação aos materiais utilizados. Até o século XIX a pintura se restringia a tinta sobre tela ou sobre paredes, como os afrescos. Hoje todo material ou objeto pode se transformar em arte. Mais do que isso, atualmente esses materiais possuem significados que se relacionam com a vida, e com isso a materialidade se transforma na própria arte.

Na contemporaneidade percebemos muitas possibilidades de criar trabalhos por meio de diversos materiais. Podemos buscar na natureza a apropriação de materiais diversos para a experimentação em Arte. Outro exemplo de artista,

que trabalha com essa ideia, é Nuno Ramos (IMAGEM 17). Nuno constrói trabalhos que vão além da representação, buscando mostrar a materialidade da forma através de materiais como: folhas, metal, plásticos etc. O contato com esses materiais nos faz perceber seus significados, sua textura, dureza, leveza, cheiro e enfim, cada um nos instiga a construir um trabalho.



Imagem 17 - Nuno Ramos, *Sem título*, [Espelho, tecidos, plásticos, metal, tinta, folhas e outros materiais sobre madeira, 260x550x300cm] 1999.

Estamos rodeados de materiais que podemos explorar, principalmente quando se é professor e buscamos sair dos gastos ou quando não se tem apoio para se conseguir materiais na escola. Com isso, esse material didático oferece possibilidade de trabalhar experimentações de textura sobre materiais que podemos encontrar ao nosso redor, proporcionando ao professor através do material a construção de aulas mais criativas através do material.

CAPÍTULO 3: EXPERIÊNCIAS COM O MATERIAL DIDÁTICO

3.1 Estágio e PIBID

A disciplina de estágio está presente em meu currículo como matéria obrigatória, pelo fato de cursar Licenciatura em Artes Visuais. Entrei para o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), assim que comecei o estágio no primeiro semestre de 2014.

O PIBID é um Programa do Ministério da Educação, gerenciado pela CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), cujo objetivo maior é o incentivo à formação de professores para a educação básica e a elevação da qualidade da escola pública. Sendo um programa de iniciação à docência, os participantes são alunos dos cursos de Licenciatura que, inseridos no cotidiano de escolas da rede pública, planejam e participam de experiências metodológicas, tecnológicas e práticas docentes de caráter inovador e interdisciplinar, e que buscam a superação de problemas identificados no processo de ensino-aprendizagem⁴.

O PIBID possuía em 2014 apenas duas opções de escolas para realizar o estágio de Artes Visuais: o Centro Pedagógico (CP-UFMG) e a Escola Estadual Pedro II. Escolhi começar meu estágio pela Escola Pedro II, onde acompanhei os alunos do ensino médio durante dois semestres 1/2014 e 2/2014.

A disciplina de Estágio Curricular Obrigatório em Artes Visuais propõe que realizemos um planejamento de aula a ser executada na escola onde realizamos o estágio. Com isso construí um planejamento de aula junto com uma colega de estágio, relacionado ao Livro Objeto, assunto que seria tratado dentro da abordagem de experimentalismo, tema trabalhado no semestre. Assim, dentro dessa possibilidade, procurei estabelecer uma relação do Livro Objeto com a proposta do meu material didático, apresentada a seguir.

⁴ Disponível em: <http://www.pibid.ufrn.br/>. Acesso em: 29/10/14.

3.2 Escola Pedro II: o material didático colaborando na construção de livro objeto

No estágio supervisionado, junto com minha colega de estágio, foi apresentada uma aula teórica sobre Livro Objeto para as quatro turmas de segundo ano do ensino médio, em que nossa professora supervisora lecionava. Foi exposto um pouco sobre a história do livro: mostramos imagens de livros-objetos e livros de artistas contemporâneos, com a intenção de proporcionar maior bagagem visual e conceitual para os alunos. .

Dando continuidade ao tema, propusemos aos alunos que construíssem seus próprios livros-objetos. Pedindo que trouxessem na aula seguinte um livro que pudesse ser transformado, além de imagens, objetos e materiais que pudessem ser incorporados ao mesmo. Através dessa proposta, levei meu material didático com o objetivo de auxiliar na construção do livro-objeto deles, por conter materiais inusitados como cimento, areia, atadura gessada, dentre outros que pudessem ajudar na construção de seus trabalhos.

Alguns alunos se interessaram pelas propostas de experimentações do Material Didático, como casca de ovo, (IMAGEM 18) cimento, (IMAGEM 19 e 20) e tecidos (IMAGEM 21). Como a ideia era de apropriação de diversos materiais para a construção artística de seus livros-objetos, propusemos que os alunos fossem criativos em seus trabalhos, procurando dar um bom acabamento e uma coerência estética/conceitual aos seus trabalhos.

A maioria dos alunos, aparentemente, não conseguiu construir trabalhos com uma coerência estética adequada, no sentido de levar em conta o material usado com a temática do livro. Em contrapartida, a participação e a proposta de experimentação foi muito positiva; pelo menos conseguimos provocá-los a buscar essa coerência a partir dos materiais utilizados e fizemos com que eles exercitassem sua criatividade.



Imagem 18 – Aula prática construção de livro-objeto, [casca de ovo], E.E. Pedro II. Belo Horizonte MG, 2014. Acervo pessoal.



Imagem 19 – Aula prática construção de livro-objeto, [cimento e lã], E.E. Pedro II. Belo Horizonte MG, 2014. Acervo pessoal.



Imagem 20 – Aula prática construção de livro-objeto, [cimento e casca de ovo] E.E. Pedro II. Belo Horizonte MG, 2014. Acervo pessoal.



Imagem 21 – Aula prática construção de livro-objeto, [tecidos] E.E. Pedro II. Belo Horizonte MG, 2014 Foto: Germana Almeida. Acervo pessoal.

A partir dessa aula comecei a ter um interesse pela construção de livros-objetos, pois até o momento eu apenas os admirava. Busquei entrar na proposta e produzir um livro-objeto que utilizasse das preparações sugeridas no meu material didático, dialogando com o assunto tratado em algum livro, mas não consegui. Então pensei no quanto essa proposta pode ter sido difícil para os alunos.

Percebi que antes de propor algo a alguém, é interessante vivenciar primeiro a proposta para, então, perceber quais as possíveis soluções e dificuldades, pois precisamos conhecer do ponto que se aprende para conseguirmos ensinar. Somente muito tempo depois, consegui construir livros objetos, porém, de outra forma: agora sem apropriação de livros, construindo-os a partir dos materiais sugeridos por meu material didático.

3.3 FAE-UFMG: oficina com o material didático

Ao final do segundo semestre de 2014, após termos construído nossos Materiais Didáticos para o ensino/aprendizagem de Artes Visuais, dentro da disciplina de Laboratório II da Licenciatura, elaboramos uma exposição coletiva dos materiais, tanto, dos construídos durante o semestre proposto, quando dos anteriores. Os trabalhos ficaram expostos no espaço Arteducação/FAE – UFMG e foi proposta a realização de uma oficina com material didático experimentado pelos próprios colegas da disciplina.

Como era uma oficina de curta duração, a proposta de se trabalhar em diversos suportes, visando perceber a aderência da pintura em cada preparação, como sugerido no material didático, não pôde ser concretizada. Com isso, enfatizei a construção dos próprios suportes, como um trabalho completo por si só, visando experimentar as preparações que eles quisessem sobre apenas três tipos de suporte disponíveis: papelão, bandejinha de isopor e alguns retalhos de mdf. Sendo assim, a proposta foi de que cada participante da oficina se apropriasse dos materiais apresentados, buscando dialogar com os materiais didáticos produzidos por eles.

A maioria de meus colegas experimentou de tudo em um mesmo suporte, potencializando um diálogo entre os materiais didáticos apresentados na exposição, com os elementos propostos pelo meu material didático, mesmo não sendo os mesmos elementos utilizados na construção dos materiais didáticos construídos por eles. A ideia parece confusa, mas procurarei exemplificar melhor abaixo, apresentando alguns dos participantes e os trabalhos desenvolvidos por eles durante a oficina.

Germana Almeida construiu um material didático com o tema do Concretismo, utilizando imagens de obras relacionadas a este movimento. Produziu um trabalho através do meu material didático dialogando com seu tema, sendo evidente na imagem essa semelhança. Germana recorreu a formas geométricas, elementos visuais muito presentes no movimento Concretista (IMAGEM 22 e 23).

Clara Mendes produziu uma sombrinha que possui imagens de obras sensoriais e cubos suspensos que propõem também uma experiência sensorial, como o *tato*, através dos cubos que são de pregos, plumas, cartelas de remédios etc. *Olfato*, através de cravos presentes dentro de um dos cubos e principalmente a visão, por ser uma obra esteticamente chamativa. Por meio de minha oficina, produziu uma preparação de suporte com vários materiais, dialogando com seu material didático, pois este também instiga nossos sentidos (IMAGEM 24 e 25).



Imagem 22 – Germana Almeida. *Caixa Concreta*, exposição Material Didático FAE/UFMG, Belo Horizonte MG, 2014. Acervo pessoal.



Imagem 23 – Germana Almeida. Oficina com Material Didático Caixa Mingal de Areia [atadura gessada, tecidos, areia, cimento, casca de ovo, pó de mármore sobre papelão] FAE/UFMG. Belo Horizonte MG, 2014. Acervo pessoal.



Imagem 24 – Clara Mendes. Paraperceptor espacial. Exposição Material Didático FAE/UFMG. Belo Horizonte, 2014. . Acervo pessoal.



Imagem 25 – Clara Mendes. Oficina com Material Didático Caixa MingaL de Areia [areia, tecidos, pedras e papelão] FAE/UFMG, Belo Horizonte, 2014. Acervo pessoal.

3.4 Centro Pedagógico - UFMG: pintura-experimento

Neste último semestre de graduação estou realizando meu estágio supervisionado III, na Escola de Educação Básica e Profissional da UFMG – Centro Pedagógico. Por meio desta disciplina acompanhei as aulas de Audiovisual com alunos do segundo e sexto ano e, posteriormente, com o quarto ano do ensino fundamental. Durante o período fui orientada a fazer uma proposta de aula para um projeto da escola chamado GTD – Grupo de Trabalho Diferenciado –, que acontece uma vez por semana, com duração de uma hora e meia, até o final do semestre.

Considerando meu interesse pela preparação de suportes alternativos e o material didático construído, optei por planejar um projeto de aula que envolvesse o aluno nesta proposta de experimentação.

A proposta de aula sugerida no material didático não se adequou a este projeto de GTD, pois este se caracteriza por envolver poucos alunos (nove) e um tempo de aula maior em comparação ao da escola regular.

Com isso, a proposta das aulas foi elaborada com o objetivo de que os alunos produzissem preparações inusitadas sobre suportes alternativos. A ideia era entender como a tinta se comporta sobre esses elementos, bem como perceber que a utilização de materiais inusitados está presente no processo de criação de muitos artistas.

As aulas foram planejadas no sentido de proporcionar ao aluno a construção de trabalhos a partir de cinco técnicas: tecido, atadura gessada, areia, jornal e cimento sobre papelão ou bandeja de isopor. As aulas foram organizadas de forma que seriam trabalhados suportes com um tipo de preparação e, na sequência, outra aula destinada à pintura.

O desafio que me surgiu na hora do planejamento foi: como trabalhar a preparação de suporte com crianças de uma forma criativa, desde o momento da preparação do suporte? Como poderia sair do formato padronizado da pintura? A partir de então surgiu a ideia de trabalhar com os alunos a silhueta de animais, pensando que esse tema também poderia ajudá-los a sair dos

registros gráficos comuns, como, por exemplo, o desenho de sol, nuvens, árvores, ou ainda, coração e estrelas.

3.4.1 Tecido sobre Papelão

Nos primeiros dias de aula procurei saber se os alunos tinham interesse pela pintura, se gostavam e/ou possuíam animais. Compartilhei uma história pessoal vivenciada com um animal doméstico, o cavalo chamado Patrão, que quebrou a perna e acabou morrendo assim que completou um ano de vida.

Sugeri que trouxessem imagens ou desenhos de animais para usar como referência para facilitar na sua construção artística. Também apresentei slides com imagens de várias formas de representações de animais, por meio de pinturas, desenhos, colagens e origamis.

Já que a questão primordial do meu Material Didático diz respeito a utilização de suportes para pintura, optamos primeiramente por trabalhar com vários tipos de tecido sobre o papelão. A maioria dos alunos utilizou somente um tipo de tecido para preparar o suporte (IMAGEM 26), embora a ideia fosse explorar várias possibilidades com diversos tecidos pensando que, posteriormente, este seria pintado. Mesmo com a pouca experimentação de tecidos, isso não interferiu no trabalho, uma vez que eles acabaram por investigar mais os elementos da pintura. Vale ressaltar que muitos tiveram dificuldades em recortar tanto o tecido como o papelão, sendo necessário ajudá-los nesta etapa. Talvez isso tenha contribuído para a pouca exploração do material.

A proposta de levar uma imagem de referência de animais não foi adotada por todos e, muitas vezes, quando não se tem referência para a produção de uma imagem, acabamos por recorrer a formas simples que nos vem à mente. Neste caso, vários alunos utilizaram a forma estereotipada de peixe. Percebendo isso, uma estratégia que encontrei para instigar a criatividade dos alunos foi trazer imagens diferenciadas de peixes para que eles pudessem perceber as feições, cores e formas de espécies diferentes desses animais.



Imagem 26 a e b – Aula prática colagem de tecido sobre papelão. Centro Pedagógico – UFMG. Belo Horizonte MG, 2015 Foto: Amanda Nunes. Acervo pessoal.



Imagem 27 a e b – Aula prática pintura em colagem de tecido sobre papelão, Centro Pedagógico – UFMG. Belo Horizonte MG, 2015. Foto: Amanda Nunes. Acervo pessoal.

Quando concluímos a primeira atividade, expus os trabalhos dos alunos no quadro, para que eles observassem os trabalhos produzidos. Essa prática de avaliação foi adotada em todas as aulas, como forma de ajudar a perceber seus trabalhos de longe e a pensar em quais interferências poderiam ser feitas com a tinta (IMAGEM 27 a). Eles, então, realizaram pintura sobre o suporte preparado na aula anterior (tecido sobre papelão) e agregaram detalhes como: boca, olhos e outros elementos (IMAGEM 27 b).

Foi utilizada a tinta guache para pintura e esta requer um tempo de secagem. Percebi que alguns alunos tiveram dificuldade para esperar uma cor secar para passar para a outra, ou ainda colocavam cores com uma tonalidade parecida e, ao final, seus trabalhos ficaram aparentemente de uma só cor. Assim, deixei que percebessem essas questões para nas aulas seguintes podermos discutí-las.

3.4.2 Atadura Gessada sobre Bandeja de Isopor

Para a segunda aula, propus que os alunos desenhasssem sobre a bandejinha de isopor, expliquei que o desenho deveria ser feito de lápis e bem de leve para não perfurar o suporte. Porém, a maioria dos alunos não fez como sugerido, precisando (em alguns casos) substituir as bandejas.

Houve subversão da proposta: um aluno passou caneta hidrográfica por cima do desenho, ou seja, não utilizou o lápis, como recomendado. Falei que seu trabalho teria um resultado diferente, pois a atadura iria incorporar a tinta da caneta, mas, que a ideia era essa mesma, de pensar em outros modos de construção e materiais a serem agregados nos trabalhos (IMAGEM 28). Confesso que gostei da subversão!

Depois de alguns alunos terem terminado seus trabalhos, foi ensinado como fazer o molde de suas mãos com atadura gessada (IMAGEM 29). A proposta era que eles percebessem outros desdobramentos possíveis com o mesmo material utilizado na atividade.



Imagem 28 – Trabalho de um aluno. Aula prática colagem de atadura gessada sobre bandeja de isopor, Centro Pedagógico - UFMG, Belo Horizonte MG, 2015. Foto: Amanda Nunes. Acervo pessoal.



Imagem 29 – Aula prática molde da mão com atadura gessada, Centro Pedagógico – UFMG. Belo Horizonte MG, 2015. Foto: Amanda Nunes. Acervo pessoal.

Com o tempo, percebi que os alunos recorreram menos às formas estereotipadas, como a imagem de peixes citada anteriormente. Porém, outra questão surgiu: até que ponto levar imagens feitas por mim ajudaria ou prejudicaria a criação artística dos alunos? Durante meu planejamento pensei em sempre levar trabalhos feitos por mim referentes à técnica que pretendia ensinar. Porém, percebi que muitos alunos não se preocupavam em investigar outras imagens de animais para construírem os suportes e acabavam por utilizar sempre os meus trabalhos como referência para a construção dos trabalhos deles, ou até mesmo a referência de um colega próximo.

A partir dessa circunstância, conversei com os alunos sobre a proposta, já que a cópia do molde de um trabalho não acrescentaria em nada na prática de observação e soluções de construção de uma imagem. Como percebi a dificuldade deles em elaborar uma imagem de algum animal para ser produzido na aula, pensei que poderiam estar insatisfeitos com este tema e abri espaço nas aulas para discutirmos a respeito. Alguns desejaram sair do tema, porém a maioria optou por permanecer. A partir de então, passaram a ter autonomia para escolher o que produzir.

Após algumas aulas de pintura, percebi que a maioria se aventurou mais nas misturas de cores (IMAGEM 30), porém uma aluna continuava demonstrando dificuldade em elaborá-las. Seus trabalhos eram na maioria cinzentos, além de não possuir detalhes; mas percebi que isso não era intencional (IMAGEM 31). Surgiu, então, a ideia de se trabalhar com o círculo cromático, para ajudá-la a pensar melhor na elaboração das cores.



Imagem 30 – Trabalhos dos alunos. Aula prática pintura sobre atadura gessada em bandejinha de isopor, Centro Pedagógico – UFMG. Belo Horizonte MG, 2015 Foto: Huliane Sousa.
Acervo pessoal.



Imagem 31 – Trabalho de uma aluna. Aula prática, pintura sobre atadura gessada em bandejinha de isopor. Centro Pedagógico – UFMG. Belo Horizonte MG, 2015 Foto: Huliane Sousa. Acervo pessoal.

3.4.3 Areia sobre Papelão

A terceira técnica trabalhada foi areia sobre papelão e nessa proposta os alunos buscaram criar trabalhos mais independentes. Alguns levaram referências de imagens e outros os criaram na hora. O grande ganho nesse momento foi perceber que nenhum dos alunos fez trabalho igual do colega (IMAGEM 32).

Dois alunos preferiram não recortar as imagens desenhadas. Um passou areia no suporte retangular e o outro fez um os detalhes de sua águia e cobra (IMAGEM 33), demonstrando assim outras formas de realizar sua atividade, além do recorte da silhueta desenhada, proposta sugerida por mim.



Imagem 32 - Trabalho de alguns alunos. Aula prática, areia sobre papelão. Centro Pedagógico – UFMG. Belo Horizonte MG, 2015 Foto: Huliane Sousa. Acervo pessoal.



Imagem 33 – Trabalho de um aluno. Aula prática areia sobre papelão, Centro Pedagógico – UFMG. Belo Horizonte MG, 2015 Foto: Huliane Sousa. Acervo pessoal.

O círculo cromático foi utilizado com o intuito de ampliar o repertório de composição das tintas produzidas pelos alunos. Ele então foi mostrado e em seguida, distribuído às cores primárias para os alunos pintarem seus próprios círculos. Depois foram produzidas as cores secundárias, e em seguida as terciárias (IMAGEM 34).

Penso que consegui potencializar a proposta, pois a aluna que demonstrava mais dificuldade para compor as tintas, foi a que mais se interessou pela atividade. Logo em seguida começou a pintar seu trabalho com uma das cores experimentadas, bem diferente dos tons de cinzas dos trabalhos anteriores (IMAGEM 35).



Imagem 34 – Construção do círculo cromático, Centro Pedagógico – UFMG. Belo Horizonte MG, 2015 Foto: Huliane Sousa. Acervo pessoal.



Imagem 35 – Aula prática, pintura sobre suporte de papelão preparado com areia. Centro Pedagógico – UFMG. Belo Horizonte MG, 2015 Foto: Huliane Sousa. Acervo pessoal.

3.4.4 Jornal sobre Papelão

A quarta aula foi a construção de papel machê, - mistura de papel jornal com cola e com isso, mostrei aos alunos como misturar cola à massa de papel molhado. Entretanto, foi uma aula tumultuada. Os alunos não respeitaram os procedimentos de preparação da massa, o que ocasionou problemas com a consistência. A ideia era lavar mais vezes o jornal, ensinando aos alunos como se faz. Mas como eles estavam extremamente agitados, acabei pulando essa etapa. O resultado foi uma massa pouca homogênea, que acabou por impossibilitar que eles fizessem esculturas com a massa restante.

Apesar de a massa de papel não ter ficado consistente e a aula ter sido muito agitada, os alunos conseguiram produzir e experimentar o material (IMAGEM 36). Mostrei também um trabalho preparado por mim para que pudessem perceber a diferença de uma massa inconsistente e outra mais homogênea. A diferença foi percebida por todos e, assim, eles conseguiram entender que a preparação adequada do material influencia tanto na realização quanto na conservação do trabalho, pois a massa inconsistente terá uma durabilidade menor.



Imagem 36 - Aula prática papel machê sobre papelão, Centro Pedagógico – UFMG. Belo Horizonte MG, 2015 Foto: Huliâne Sousa. Acervo pessoal.

Ao finalizar as pinturas sobre todos os suportes, os alunos demonstraram mais maturidade para a experimentação de cores e para os detalhes das imagens (F IMAGEM 37). Uma aluna que tinha feito seus trabalhos anteriores totalmente cinzas, conseguiu trabalhar melhor as cores produzindo novas composições (IMAGEM 38).

Outra aluna relatou que passou tinta em suporte de jornal e este demorou um pouco a secar, mas que quando retocou seu trabalho feito de atadura gessada e este, secou mais rápido. Neste momento percebi que os alunos entenderam a proposta das aulas e conseguiram desenvolver cada vez melhor os trabalhos.



Imagem 37 – Trabalho dos alunos. Pintura sobre papelão preparado com papel machê. Centro Pedagógico – UFMG. Belo Horizonte MG, 2015 Foto: Huliane Sousa. Acervo pessoal.



Imagem 38 – Pintura sobre papelão preparado com papel machê, Centro Pedagógico – UFMG. Belo Horizonte MG, 2015 Foto: Huliane Sousa. Acervo pessoal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após todos os relatos expostos neste trabalho, relacionados a materiais alternativos para a criação artística na pintura foi possível perceber que durante a construção do Material Didático eu não possuía uma ideia clara de como trabalhar com eles dentro de uma sala de aula ou oficina. Depois de finalizado este material, preparei um planejamento de aula como sugestão para o docente. Porém, em nenhuma das experiências relatadas cheguei a utilizar a proposta de aula feita especificamente para o professor. Penso que isso aconteceu em função das realidades muito particulares de cada atuação docente, pois cada espaço escolar possui um tempo de trabalho e um público alvo muito diversificado. Desta forma, considero que a proposta teve que se adequar a essas circunstâncias.

Além disso, percebi no material didático uma provocação pessoal para desenvolver meus trabalhos artísticos. Isso se destacou a partir da aula sobre a construção de livro-objeto, trabalhado na Escola Estadual Pedro II. Essa provocação se tornou mais evidente para mim, uma vez que os alunos encontraram dificuldades em desenvolver a proposta apresentada. Daí me propus a desenvolver um livro-objeto. Inicialmente não fui feliz com a experimentação! Senti a mesma dificuldade que os alunos sentiram, ao me apropriar de livros prontos para fazer intervenções.

Depois de algumas alterações na proposta, produzi um livro escolhendo apenas um dos suportes indicados no material didático: o papelão. A partir daí é que consegui fazer experimentações sobre este suporte no formato de livro, e o resultado foi um *Livro de Texturas* (IMAGEM 39).



Imagem 39 – Huliane Sousa. *Livro de Texturas*. Jornal, tecido artesanal, areia, pó de mármore, atadura gessada, rejunte, cimento, casca de ovo e argamassa sobre livro de papelão, 23x28x0,25cm. Belo Horizonte MG, 2015. Acervo pessoal.



Imagem 40 – Huliâne Sousa. *Livro de Areia*. Lã, tecido pintado e areia sobre livro de papelão, 13x13x5,5cm. Belo Horizonte MG, 2015. Acervo pessoal.

Posteriormente, escolhi apenas uma das experimentações usadas no *Livro de Texturas: a areia*. Então produzi um novo livro, o *Livro de Areia* (IMAGEM 40). A construção do livro-objeto foi muito importante para mim, pois hoje consigo perceber que o formato do material didático pode ser diverso. Esse formato não precisa necessariamente estar no formato de caixa. Entendo que se eu pudesse levar para a sala de aula, hoje, os livros-objetos que preparei, estes já estariam dentro da mesma proposta do material didático, sendo estes o próprio material.

Todos estes trabalhos realizados me ajudaram a entender as propostas didáticas relacionadas ao material e a orientação docente, além de perceber que as limitações e as potências do material didático dependem muito do modo como o professor conduz. Esse modo de conduzir, por sua vez, vai depender da familiaridade que ele tem com o material didático e também da disponibilidade dele em desenvolver as atividades propostas. Ou seja, conseguir se colocar no lugar do aluno, inclusive realizando na prática a experimentação daquilo que ele está propondo. Essa prática pode resultar no desenvolvimento de trabalhos artísticos do próprio professor.

Trabalhar com preparações de suportes pode ser um ponto de partida para vários desdobramentos na criação artística. Procurei mostrar aqui apenas algumas experiências trabalhadas até o momento. Porém, outras novas ideias poderão surgir ao longo do tempo perante novos desafios e circunstâncias. Como perspectiva futura de pesquisa, pretendo desenvolver ainda um material virtual, apresentando registros do processo de construção de livros-objetos e/ou outros trabalhos que envolvam a minha produção artística na área da pintura.

REFERÊNCIAS

BONDÍA, Jorge Larrosa. *Notas sobre experiência e o saber de experiência*. Universidade de Barcelona Espanha. Tradução de João Wanderley Geraldi. Revista Brasileira de Educação. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>. Acesso em 16/06/2015.

DEWEY, John; BOYDSTON, Jo Ann; KAPLAN, Abraham. *Arte como experiência*. São Paulo: Martins Fontes, 2010. 646 p.

DUBUFFET, Jean. *Mulher moagem de café*. 1945. Pintura a óleo, gesso, alcatrão e areia sobre tela, 116,2x88,9cm. Disponível em: <http://www.metmuseum.org/toah/works-of-art/1995.142>. Acesso em: 08/10/14.

FRANÇA, Júnia Lessa; VASCONCELOS, Ana Cristina de. *Manual de normalização de publicações técnico-científicas*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2013. 263 p.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2001. 165 p.

KIEFER, Anselm. *Lilith*, 1997. Emulsão, goma-laca, acrílico, chumbo, cabelo e cinzas sobre tela, 330x560cm. Disponível em: <http://www.fondationbeyeler.ch/fr/content/anselm-kiefer>. Acesso em 21/09/14.

NASSAR, Emmanuel. *Recepção* 1982. Objeto em madeira, 32x42cm. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa9547/emmanuel-nassar>. Acesso em 08/10/14.

OSTROWER, Fayga. *Acasos e criação artística*. 2ª. ed. ver. Rio de Janeiro: Campus, 1995. 289p.

RAMOS, Nuno. *Sem Título*, 1999. Espelho, tecidos, plásticos, metal, tinta, folhas e outros materiais sobre madeira 260x550x300cm. Disponível em: <http://www.nunoramos.com.br/>. Acesso em 21/04/15.

TÀPIES, Antoni. *Cinza Ocre*, 1958. Pintura a óleo, resina epóxi e pó de mármore sobre tela, 260x194cm. Disponível em: <http://www.tate.org.uk/art/artworks/tapiés-grey-ochre-t00927>. Acesso em: 21/09/2014.